

O Porquê da Cruz (I)¹

Summary

In the present article, which is to be continued in the next issue of this magazine, the author proposes to answer the question: “Why the Cross?”.

He begins with the fact that the Church, based on the givens of Scripture, makes us understand that God the Father not only permitted but even willed that His incarnate Son should suffer the agony of the cross and die, offering His life as an expiatory sacrifice. However, it seems that this contradicts the concept of a God of love. For this reason, the author seeks understanding in the event of Christ’s cross (as well as our own) which takes into consideration the given of faith with respect to Christ’s redemptive death (the Father willed the suffering of His Son and Jesus truly offered up His death on the cross as an expiatory sacrifice) and the truth that God is love.

Indeed, it is precisely the Christian understanding of God as Love, as the Triune God — a conception which results from the divine revelation of love in the pascal mystery of Christ — which helps us discover the “root” of the cross in the very mystery of God. Only then do we discover the first and fundamental “why” of the cross and the fundamental reason for suffering.

This cross and suffering, whose raison-d’être we discover in the very mystery of God as Love, is not, however, a consequence of sin, but it is the cross of trial. It has nothing to do with a disorder, or, in other words, with sin, which is a disorder in the creature’s free action and the source of all disorder among creatures. The only relation that exists between the cross of trial and sin is that without the former, sin would not be possible. For, if there were not a minimal amount of suffering, the suffering of not being fully satisfied, the suffering of being in via, the creature would have no liberty, and without liberty it would be impossible either to sin or to merit. In other words, he would not be able to perform true acts of which he was the responsible subject.

This explanation of the “cross of trial” — which was unique for man before sin and which does not cease to be that of every man that lived, lives or shall live on earth — will serve as foundation in searching for an explanation of the “why” of the cross of our Lord Jesus Christ. Why His passion and death on the cross?

¹ Neste artigo trata-se de duas conferências, revistas e mais elaboradas, que o autor deu no “Congresso teológico (em preparação do) Jubileu 2.000”, em julho de 1997, em Anápolis.

O mistério da Cruz de nosso Senhor Jesus Cristo é a manifestação suprema do mistério do Deus vivo na história humana; manifestação do Deus que “é Amor” (1Jo 4,8.16). O contexto da primeira Carta de São João (cf. vv. 9s), na qual lemos esta afirmação, evidencia que foi o mistério da Cruz de Cristo (o Filho enviado “como expiação pelos nossos pecados”) que levou o Apóstolo a esta afirmação simples e profunda: “Deus é Amor”.

Para o Apóstolo Paulo, por sua vez, Cristo *crucificado* era de importância tão decisiva que, no anúncio do Evangelho, não quis “recorrer à sabedoria da linguagem, para não desvalorizar a cruz de Cristo” (1Cor 1,17). Pois a cruz – isto é, a crucifixão do Senhor, a paixão e morte de Cristo na cruz – é um *mistério da fé*, não propriamente um objeto da pesquisa humana apoiada somente nas capacidades humanas. A inteligência humana choca-se com o mistério da cruz. São Paulo tinha consciência clara disso. “De fato, a palavra da cruz é uma loucura para os que se perdem” (1Cor 1,18). “Os judeus exigem milagres e os gregos buscam a sabedoria. Nós, pelo contrário, anunciamos um Cristo crucificado, que é um escândalo para os judeus e loucura para os pagãos” (1Cor 1,22s). A cruz é escândalo e loucura, mas para os escolhidos, Cristo crucificado “é o poder de Deus e a sabedoria de Deus” (1Cor 1,24).

É mesmo? Não parece que, sempre de novo, há também cristãos, para os quais a cruz é loucura e escândalo? Não será que, também entre os cristãos, se está “desvalorizando a cruz de Cristo”? Há concepções da cruz de Cristo que podemos caracterizar pela seguinte afirmação: Cristo nos libertou não *por meio* da cruz, mas *apesar* da Sua cruz. Não precisamos ser redimidos por meio da cruz, mas precisamos ser libertados da cruz. A cruz de Cristo, isto é, Sua paixão e morte não tem um *valor decisivo* na obra libertadora de Jesus, não foi a grande obra de libertação realizada por Jesus, mas um acontecimento que infelizmente terminou cedo demais a Sua obra de libertação. Portanto, a cruz manifestaria somente a fidelidade de Jesus como profeta: Ele realizou a Sua missão profética apesar das fortes resistências dos poderosos que, afinal, conseguiram eliminar o profeta que se tornara incômodo demais.

Também aqueles que não aderem a tais opiniões podem “testar” a sua compreensão do mistério da cruz respondendo à seguinte pergunta: Deus Pai verdadeiramente *quis* que Jesus sofresse e morresse na cruz – ou somente *o permitiu*?

I. O Pai quis que Jesus sofresse e morresse na cruz?

1. O que a fé nos ensina

Os dados da S. Escritura são claros: o Pai *quis*, não somente *permitiu* que Jesus sofresse e morresse na cruz. Ele quis que Jesus nos redimisse por Sua paixão e morte na cruz. Quem leva a sério a doutrina dos escritos do Novo Testamento necessariamente chega a reconhecer esta vontade do Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.

Limitamo-nos apenas a algumas indicações:

Na primeira predição explícita da Sua paixão, Jesus acentua o fato de que Deus a *quer*: “*É necessário* (δεῖ) que o Filho do homem sofra muito e seja rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e pelos escribas, e seja morto, e ressuscite depois de três dias” (Mc 8,31 par). A afirmação “é necessário” exprime uma verdadeira necessidade devida ao *plano divino*.

Jesus não fala desta “necessidade” sendo motivado por um pressentimento suscitado pelas ameaças por parte dos Seus adversários. O fato que demonstra isso é que Ele emprega a mesma fórmula em outras circunstâncias, aludindo à morte e à ressurreição. Já com a idade de doze anos diz: “é necessário”, fazendo um anúncio implícito do mistério pascal: “Não sabíeis que é necessário que eu esteja na casa de meu Pai?” (Lc 2,49). Ressuscitado, Ele repete ainda este “é necessário”: “Não era necessário que o Messias sofresse essas coisas e entrasse na glória?” (Lc 24,26.44) – e Jesus o prova explicando as Escrituras. Portanto, o princípio fundamental de interpretação do acontecimento da paixão é enunciado com toda a clareza e firmeza: trata-se de uma *necessidade estabelecida por Deus*.

Jesus não somente diz “é necessário”, mas manifesta também com maior clareza que se trata da *vontade do Pai*. Na oração de Jesus no Getsêmani a vontade do Pai aparece em primeiro plano. Jesus exprime Seu conflito interno proclamando a *soberania do Pai sobre os acontecimentos*: “ABBÁ! Tudo Te é possível, afasta de mim este cálice! Contudo, não se faça o que eu quero, mas *o que TU queres*” (Mc 14,36²). “O que Tu queres” não equivale a “o que Tu *permites*”. É um querer propriamente dito. O que o Pai certamente não quer, mas somente permite, são os atos perversos de Judas, de Caifás, de Pilatos, etc. Nem direta nem indiretamente o Pai quer o pecado

² Cf. também Jo 18,11: “Jesus disse a Pedro: ‘Embainha a tua espada. Por acaso deixarei de beber o cálice que *o Pai me deu*?’”

dos responsáveis pela morte de Jesus; estes pecados, Ele somente os permite. Mas possui um poder superior sobre o desenrolar-se dos acontecimentos, de modo que *quer o sacrifício de Jesus*, porém de uma maneira que respeite a *liberdade* dos que fazem o mal. Jesus, portanto, vê o *Pai* como o *primeiro responsável* da paixão, embora conheça a responsabilidade dos Seus adversários, no nível de fato histórico.

Esta *prioridade da vontade do Pai* foi bem compreendida pelos discípulos (depois de Pentecostes), como se pode reconhecer no fato de ser sublinhada a *obediência* de Jesus como disposição fundamental da Sua paixão: Fl 2,8 apresenta Cristo como aquele que Se fez obediente até a morte de cruz, e Hb 5,8 declara que Jesus, embora Filho, aprendeu daquilo que sofreu, o que é obedecer.

Sem dúvida, portanto, a oração de Jesus no Getsêmani o revela claramente: Jesus não Se esquiva da paixão, porque o *Pai quer* que Ele beba o cálice amargo do sofrimento e da morte na cruz.

O *Pai quis* mesmo a paixão e morte de Jesus. É o que também professa a *fé da Igreja* na liturgia. A “oração do dia” da Missa da sexta-feira da segunda semana da Páscoa reza assim: “ó Deus, ... *quisestes* que o vosso Filho sofresse por nós o sacrifício da cruz (crucis patibulum subire) para nos libertar do poder do inimigo”. Afasta-se da fé da Igreja quem nega que Deus *Pai* verdadeiramente quis que Seu Filho unigênito feito homem padecesse o martírio da cruz como sacrifício de eficácia libertadora para a humanidade.

2. Uma objeção à verdade da fé

Aqui, porém, surge uma grande objeção. Se Deus *Pai* verdadeiramente *quis* o sofrimento de Jesus, Seu Filho amado, Ele manifesta ser um Deus *cruel*? Poderá alguém dizer: “Imagine, um pai sacrificar seu próprio filho, querer que ele sofra e morra, e de uma maneira tão cruel, isto é um absurdo; não dá para acreditar. Este não seria o verdadeiro Deus.”

Na verdade, o mistério da cruz precisa ser entendido bem; do contrário *repugna* em vez de atrair, *horroriza* em vez de confortar. Precisa entender bem o mistério da Cruz, do contrário realmente não dá para reconhecer na aparente loucura a *sabedoria* divina, nem na aparente fraqueza, a *força* divina; do contrário não dá para reconhecer o mistério da Cruz como mistério do *amor*, como mistério do Deus Uno e Trino que é *Amor*.

A cruz faz surgir a pergunta: será que Deus Se alegra pelo sofrimento humano, pela dor da Sua criatura, pelo sofrimento do Seu próprio Filho

feito homem? O nosso sofrimento e, mais exatamente ainda, o sofrimento de Jesus dá satisfação a Deus? Afinal, o mistério da Cruz manifesta um Deus *cruel*? Se fosse mesmo assim, o Deus que Se revela na cruz não seria, de fato, o verdadeiro Deus.

Na verdade, porém, Deus revela na cruz quem Ele é: um Pai amorosíssimo. Não foi isto que Jesus manifestou ao dizer: “*Papai (ABBA)*, em Tuas mãos entrego o meu espírito”?

Por que, então, o Pai quis a morte, e uma morte tão sofrida, de Seu Filho amado? Onde encontramos *o porquê da cruz que não contradiz à verdade essencial* que São João anunciou: *Deus é Amor*. Como já indicamos, o discípulo amado escreveu estas palavras depois de ter meditado muito no mistério do seu Mestre, do Filho encarnado, a vítima expiatória pelos nossos pecados e pelos pecados de todo o mundo.

II. O primeiro porquê da cruz: a razão fundamental do sofrimento

1. A “raiz” do mistério da cruz em Deus Uno e Trino

Procurando o porquê da cruz não podemos limitar-nos a encontrar alguma razão superficial, pois a Palavra de Deus nos ensina que o próprio Deus quis a cruz. Por conseguinte, não podemos nos esquivar da questão cruciante apelando às causas humanas, históricas da crucifixão de Jesus. Seria pura e simplesmente uma resposta evasiva, que não pode satisfazer a ninguém nem muito menos ao fiel que “busca o entendimento”, conforme a definição tradicional de teologia: “*fides quærens intellectum*”, “a fé que procura o entendimento”.

Por isso, a nossa reflexão de fé deve penetrar no mistério da cruz até encontrar sua razão fundamental, sua “raiz”, por assim dizer. Em última análise, devemos encontrar esta raiz no mistério de Deus mesmo, do Deus vivo e verdadeiro que é Amor. É o mistério da cruz em Deus Uno e Trino.

a) Como entender o “mistério da cruz” em Deus?

Pode-se falar do “mistério da cruz em Deus”? Depende do que entendemos pela palavra “cruz”.

- Um primeiro significado é: o madeiro da cruz que serviu de instrumento do suplício de Jesus. Não estamos falando deste objeto material,

santificado, aliás, pela paixão e morte de Jesus no Gólgota.

- Um outro significado de “cruz” é aquele presente na expressão de Jesus: “tomar sobre si a sua cruz”. Já não se trata de um objeto material a ser carregado sobre os ombros, mas, numa palavra, dos sofrimentos cotidianos da nossa vida, sejam mínimos ou grandes. Também não é propriamente esta “cruz” que procuramos encontrar em Deus ao falar do “mistério da cruz em Deus”.
- Não procuramos no mistério de Deus a cruz como tal, ou seja, no primeiro e segundo sentido, mas a *razão de ser* da cruz que se encontra nas criaturas, a sua *última* razão de ser. Procuramos a “raiz” do mistério da cruz em Deus Uno e Trino.

No entanto, aqui já pode surgir outra objeção: o sofrimento é consequência do *pecado*. Sem o pecado não haveria nenhum sofrimento. Portanto, é tolo ou ao menos inconveniente procurar no mistério do Deus Amor uma razão de ser do sofrimento, qualquer que seja. Mas, perguntamos: *todo e qualquer* sofrimento é causado pelo *pecado* e *somente* pelo pecado (incluído em “pecado” também o pecado original)? Contestamos que seja assim e, em seguida, apresentaremos ainda as razões.

O nosso intuito é contemplar Jesus crucificado e, numa meditação teológica, passar do visível para o invisível, até as profundezas da vida divina trinitária. Jesus pôde dizer: “Quem vê a mim, vê o Pai” (Jo 14,9). Isto vale também e particularmente do mistério de Jesus *crucificado*. O Filho de Deus crucificado é ponto culminante da revelação divina na história da salvação, revelando exatamente o mistério do Deus que é *Amor*. O fato de que sem a ressurreição não poderíamos entender o significado verdadeiro de Jesus crucificado, tal não contradiz ao valor revelador de Jesus crucificado com relação ao mistério do Deus Amor, nem o diminui.

b) A “raiz” do mistério da cruz encontra-se no mistério de Deus que é Amor

O *Catecismo da Igreja Católica* (n. 221) diz: “S. João irá ainda mais longe ao afirmar: ‘Deus é Amor’ (1Jo 4,8.16); o próprio Ser de Deus é Amor. Ao enviar, na plenitude dos tempos, seu Filho único e o Espírito de Amor, Deus revela o seu segredo mais íntimo: Ele mesmo é eternamente intercâmbio de amor: Pai, Filho e Espírito Santo, e destinou-nos a participar deste intercâmbio.”

Precisamos agora meditar um pouco este mistério do Deus vivo e verdadeiro. O Deus verdadeiro não é um Deus *solitário*; Deus não é *uma* só

Pessoa. Em Deus há três Pessoas sendo realmente *distintas* uma da outra e, no entanto, tendo elas absolutamente *tudo em comum*. Por isso as três Pessoas são um *único* Deus.

No verdadeiro Deus há o mistério de uma *auto-comunicação integral* e, por isso, de uma *comunhão total* de três Pessoas distintas. O Filho pode dizer ao Pai: “Tudo o que é meu é teu e tudo que é teu é meu” (Jo 17,10). Tudo! Por que? Porque o Filho é quem tudo recebe do Pai, no ato da geração eterna³. O Pai comunica-se a Si mesmo, tudo o que Ele é (ser, natureza, inteligência, amor) comunica ao Filho. Deste modo, o Filho é verdadeiro Deus como o Pai, em tudo *igual* ao Pai, mas, ao mesmo tempo, *distinto* do Pai, enquanto o Pai é quem *dá*, e o Filho, quem *recebe*.

Assim, o Pai ama o Filho, comunica ao Filho não somente Sua natureza divina, mas também Seu amor, já que não existe distinção real entre natureza e amor divino; o ser e o amor divino se identificam. Esta é a absoluta simplicidade divina. O Pai ama o Filho, e o Filho, por Sua vez, ama o Pai; ama-O com aquele mesmo ato de amor com que é amado pelo Pai. O ato de amor com que o Pai e o Filho amam, é um só e mesmo: o absolutamente *único* ato de amor divino. E no entanto, é um amor *mútuo*, amor de duas Pessoas realmente distintas entre si, distintas somente pela relação de origem oposta, relação de paternidade e filiação. Levando em consideração a posição própria do Pai (= origem) e do Filho (= quem procede dessa origem), podemos dizer: o Pai é quem ama o Filho e é amado por Ele, o Filho é quem é amado pelo Pai e ama o Pai.

Aqui descobrimos a *origem eterna* de toda a *distinção*. É uma distinção *real*, não fictícia, nem só “de razão”, quer dizer, não é somente o nosso intelecto que estabelece esta distinção, mas ela existe independentemente do nosso raciocínio. Esta distinção originária (a distinção entre a Pessoa do Pai e do Filho), “raiz” de todas as outras distinções, é uma distinção em virtude de uma auto-comunicação integral: o Pai se comunica integralmente, com uma perfeição sem limites. Portanto, a *razão de ser dessa distinção é o próprio amor*, o dom total de si.

Deste modo há este mistério: o Pai ama o Filho, e o Filho, por Sua vez, ama o Pai com aquele mesmo amor que lhe é comunicado da parte do Pai; é o amor do *Pai* e o amor do *Filho*, é amor *mútuo*. Este dom de amor mútuo

³ O Filho é quem *tem a natureza divina* como alguém que *procede do Pai* por geração intelectual (cf. São Tomás, *Summa Theologiae*, I q. 27, a. 2, ad 3).

do Pai e do Filho é de tal perfeição, é um tal êxtase do amor (sair de si mesmo) que deste ato de amor procede uma terceira Pessoa: o *Espírito Santo*. Ele é, como Pessoa, como que o fruto do amor mútuo e comum do Pai e do Filho. Por isso é chamado simplesmente o *Amor* divino (no sentido de Amor procedente). Ele é, como Pessoa, a *unidade de amor* entre o Pai e o Filho.

Portanto, o Pai é quem ama o Filho e é amado por Ele, o Filho é quem é amado pelo Pai e o ama, e o Espírito Santo é o Amor. Podemos representar esta realidade do seguinte modo (forma uma cruz):



Há, portanto, em Deus, da maneira mais perfeita possível, a *união do que é distinto* entre si – distinto pela relação oposta de origem: distinção entre aquele que *dá* e aquele que *recebe*; a direção da relação de *paternidade* (= relação do Pai ao Filho) é oposta à da relação de *filiação* (= relação do Filho ao Pai). Há um “EU” e um “TU”, ou seja, dois “EU” que, reciprocamente, são o “TU” da outra Pessoa.

Não há, porém, somente este antagonismo “EU-TU” – a distinção das duas Pessoas pela relação de origem oposta, – mas também existe eternamente em Deus a *fecundidade* deste antagonismo pessoal: é a processão do Espírito Santo, que é, como Pessoa, a própria *unidade de amor* entre o Pai e o Filho. Ele é o “NÓS”. “EU”-“TU” (PAI e FILHO) e a unidade dos dois: “NÓS” (ESPÍRITO SANTO).

Este é o que podemos chamar *o mistério da Cruz no Deus de Amor* ou a última razão de ser do mistério da Cruz na criação. É uma união perfeita e ilimitada no antagonismo de Pessoas realmente distintas uma da outra, uma união em que não há tensão, não há aspiração a uma união maior, pois é uma união *eterna*, no sentido forte e estrito da palavra: tudo é ilimitado e simultâneo⁴. Eis o mistério da Cruz como mistério de *luz sem sombras*, de

⁴ A definição exata de eternidade é esta: posse totalmente simultânea e perfeita de uma vida ilimitada, ou seja, comunhão totalmente simultânea e perfeita de pessoas infinitas.

amor sem dor, de distinção sem separação, de união total, totalmente ilimitada, de felicidade sem tristeza – pois o Pai está sempre e totalmente presente ao Filho (está todo no Filho), e o Filho está totalmente e sempre presente ao Pai, como também o Espírito Santo, ao Pai e ao Filho, e vice-versa. Eis o que entendemos por “mistério da cruz” em Deus que é Amor, ou seja, o que entendemos por “raiz” do mistério da Cruz em Deus Uno e Trino.

2. A Cruz na criação a caminho da união perfeita com Deus: a Cruz da provação

a) A “extensão” do mistério da Cruz para dentro da criação comporta algum sofrimento da criatura: a Cruz da provação

Deus é Amor, um amor interpessoal totalmente realizado, de uma felicidade infinita. Por isso não é por nenhum constrangimento nem por necessidade alguma que Ele criou seres distintos de Si: os Anjos, os homens e todo o universo material. Por uma decisão de amor livre Deus quis de alguma maneira estender para “fora de Si” aquele mistério feliz da auto-comunicação intratrinitária; estendeu assim aquele mistério de distinção na união, de relação recíproca unitiva entre Pessoas realmente distintas.

Mas é evidente que por esta “extensão” para fora do oceano infinito do ser, conhecimento e amor divinos esse mistério assume certas *características* que não tem no próprio Deus. Isto, porém, não quer dizer que não seja realmente, de uma certa maneira, a extensão daquele mesmo mistério intradivino que acabamos de chamar “mistério da Cruz em Deus Uno e Trino”. Claro, quando o chamamos de mistério *da Cruz*, lhe damos um nome a partir de tudo aquilo que conhecemos somente pela vida, paixão e morte de nosso Redentor Jesus, Filho de Deus feito homem. Mas, não vale isso para tudo que chegamos a conhecer do mistério trinitário de Deus? Com efeito, conhecemos o mistério íntimo de Deus somente a partir da encarnação do Filho de Deus para nossa salvação.

Qual é, então, o mistério da Cruz na criação? Note bem que estamos falando do mistério da Cruz na criação *antes* do pecado; o mistério da Cruz que não tem ainda nada a ver com o pecado ou que não é, de modo algum, consequência do pecado. Este mistério da Cruz que não é consequência do pecado, é a *provação*; em outras palavras: trata-se da *cruz da provação* que é necessariamente implicada no assim chamado “estado de caminhada” (*status viae*) da criatura espiritual ou dotada de espírito.

Podemos reconhecê-lo se consideramos o seguinte. Deus deu existência a pessoas distintas de Si mesmo (do Pai e do Filho e do Espírito Santo). A partir deste momento (da criação do primeiro Anjo) há um EU-TU não somente entre Pessoas *divinas*, mas entre Pessoa *divina* e pessoa *criada*. A relação recíproca “Eu-Tu” em Deus reflete-se agora, de alguma maneira, numa relação recíproca “Eu-Tu” entre Deus e a pessoa criada. E aqui começam várias *diferenças* que modificam aquilo que chamamos o “mistério da Cruz” em Deus. Agora aparece a Cruz com um aspecto que não encontramos em Deus: o *sofrimento*.

O “TU” no próprio Deus, isto é, a segunda Pessoa divina, o Filho, conhece o Pai *tanto* quanto este é conhecível, isto é, infinitamente. O Filho também ama o Pai *tanto* quanto este é amável: infinitamente. O Pai e o Filho amam-Se também *eternamente*.

O “tu” de Deus, que é a pessoa criada, o Anjo ou o homem, não pode conhecer a Deus tanto quanto é conhecível, nem o pode amar tanto quanto é amável. Isto significa não somente que o Anjo ou o homem uma vez *começa* a conhecer e a amar Deus, mas também, que para ele há a possibilidade de *crescer* nesse conhecimento e amor de Deus. Esta possibilidade somente não haveria se Deus criasse o homem ou o Anjo *já logo na visão imediata* de Deus. Neste caso Deus criaria pessoas *já plenamente perfeitas*, é verdade, mas com uma perfeição para a qual elas não teriam feito nada, não teriam colaborado, não teriam realizado um ato *próprio, pessoal* para alcançar o seu fim. Isto Deus não o fez. O Catecismo⁵ (n. 302) diz: “A criação tem a sua bondade e a sua perfeição próprias, mas não saiu completamente acabada das mãos do Criador. Ela é criada ‘em estado de caminhada’ (*in statu viæ*) para uma perfeição última a ser ainda atingida, para a qual Deus a destinou.” O Catecismo constata simplesmente o fato; não diz *por que* Deus fez assim. Dá para descobrir o porquê?

b) O porquê da Cruz da provação

1) A Cruz da provação corresponde, na pessoa criada, ao mistério do Deus Amor, do Deus Trindade

A nossa resposta é esta: porque somente assim *corresponde ao mistério do Deus que é Amor, de Deus Uno e Trino*.

⁵ Referimo-nos sempre ao *Catecismo da Igreja Católica* (abreviado: Cat.).

O Concílio Vaticano II recomendou que, “para ilustrar quanto possível integralmente os mistérios da salvação, aprendam os estudantes a penetrá-los com mais profundidade e a perceber-lhes o nexos mediante a especulação, tendo Santo Tomás como mestre”⁶. Seguindo esta indicação podemos aqui inserir a opinião de São Tomás de Aquino. Ele diz que se trata de um “exigência” da “ordem da sabedoria divina”. Vale a pena citar-lhe o texto:

Mas a ordem da sabedoria divina requer que isso [a hipótese de Deus criar um ser já logo no estado da última perfeição e bem-aventurança] não aconteça; com efeito, ... daqueles que se destinam à posse do bem perfeito, um o possui *sem* movimento, outro, com *um* só movimento, e um outro ainda, com *vários* movimentos. No entanto, possuir o bem perfeito sem movimento convém àquele que o tem por natureza (*naturaliter*). Mas, só Deus possui a bem-aventurança por natureza. Por isso é próprio somente de Deus não se mover para a bem-aventurança por algum ato precedente. Uma vez que a bem-aventurança excede toda natureza criada, não convém a nenhuma mera criatura alcançar a bem-aventurança sem o movimento de uma atividade pela qual tende a ela⁷.

Tomás diz em seguida que, em conformidade com a sabedoria divina, o Anjo pode alcançar a bem-aventurança com *um* só ato meritório, enquanto o homem a alcança com vários (muitos) atos.

A bem-aventurança de que São Tomás fala, é a felicidade eterna da união perfeita com Deus vendo-O imediatamente; é a bem-aventurança ou salvação que, com toda a razão e exatidão, se chama “sobrenatural”, pois ultrapassa tudo que a natureza humana ou angélica pode alcançar com suas próprias forças, como também ultrapassa tudo que é devido a uma criatura – ao Anjo ou ao homem ou a qualquer criatura possível – como sendo esta determinada criatura. Com efeito, essa bem-aventurança é participação daquilo que é próprio e devido somente a Deus.

Esta explicação de São Tomás fazemo-la plenamente nossa. Todavia, queremos penetrar mais no entendimento dessa “exigência da ordem da sabedoria divina”. Para isso lembremo-nos: o Pai e o Filho amam-se mutuamente. O Pai ama com um ato de amor que é realmente e totalmente *Seu* ato de amor. O mesmo vale para o Filho: é *Seu* ato de amor com que ama Seu Pai. Por isso é realmente um amor *mútuo*, embora seja ao mesmo tempo um amor absolutamente *comum*. É assim porque o Pai gera o Filho

⁶ Decreto *Optatum Totius*, n. 16.

⁷ *Summa Theologiae*, I-II q. 5, a. 7.

comunicando-se a Si mesmo totalmente, comunicando a natureza, o ser, o amor divino, que é absolutamente um só e mesmo, não pode existir em vários exemplares, como uma natureza criada. Assim se dá este mistério admirável e feliz: o ato de amor com que o Filho ama o Pai, e que é realmente e totalmente o ato do Filho, identifica-se com o ato de amor com que o Pai ama o Filho; é o mistério felicíssimo de uma comunhão infinitamente perfeita entre o Pai e o Filho, de que o Espírito Santo é, em Pessoa, como que o selo.

A pessoa criada, porém, não recebe de Deus Pai a própria natureza *divina*, mas uma natureza *distinta* da natureza do Pai. Por isso, para o Pai receber a resposta de amor do homem ou do Anjo *a exemplo da resposta de amor do Filho* ao Pai, o Pai precisa fazer com que o homem e o Anjo possa amá-Lo com um ato de amor que seja uma real e verdadeira participação do ato *divino* de amor do Filho ao Pai, e que seja um ato de amor *próprio* do homem ou do Anjo.

Como pode ser participação real do ato *divino* de amor? Somente por um *dom* especial de Deus, por um *dom totalmente gratuito que capacita o homem*⁸ a este ato de amor.

Como pode ser também um ato *próprio* do homem, já que essa capacidade é *puro dom* de Deus? Somente se este ato de amor for um ato *livre*. Então sim, o ato de amor é um ato *próprio* do homem; é *meu* ato de amor, porque sou *eu* quem determina o ato de amor, quem *decide* se amo ou não. Podemos citar, a propósito, o Catecismo (n. 1731): “A liberdade é o poder, baseado na razão e na vontade, de agir ou não agir, de fazer isto ou aquilo, portanto de praticar atos deliberados. Pelo livre-arbítrio cada qual dispõe sobre si mesmo.”

Podemos resumir estes dados da seguinte maneira:

Em Deus:	Na criatura:
<p>o Filho ama:</p> <p>é ato <i>divino</i> por <i>natureza</i> (comunicação da própria natureza divina ao Filho)</p> <p>é ato <i>próprio</i> por <i>natureza</i>, isto é,</p> <p>por ser Pessoa <i>divina</i> (Ele possui este ato de amor por natureza, embora recebido do Pai)</p>	<p>a pessoa criada ama:</p> <p>é ato <i>divino</i> por <i>dom</i> divino (participação da natureza divina [cf. 2 Pd 1,4], do amor divino)</p> <p>é ato <i>próprio</i> pela <i>liberdade</i></p> <p>da pessoa criada</p>

Pelo ato *livre*, aquilo que é próprio de Deus, isto é, o amor divino, torna-se algo próprio da pessoa criada: seu *próprio* ato de amor a Deus, *seu* ato de dom de *si mesma* a Deus; deste modo o seu ato de amor torna-se um certo reflexo do ato de amor de Deus Filho a Seu Pai.

Mas, o que em Deus é atualidade eterna (“Ato puro”), em absoluta luz e felicidade, na criatura assume um caráter de *busca*, de *crescimento*, de aperfeiçoamento, o caráter de “*caminhada*” e, por isso mesmo, de *sofrimento*.

2) A natureza e função do sofrimento implicado no estado de caminhada

Afirmamos, portanto, que há um “sofrimento” inerente ao estado de caminhada da pessoa criada. Antes de examinar-lhe a natureza, convém dizer logo que este sofrimento é propriamente uma *condição* para a *liberdade* do nosso amor a Deus⁸. A liberdade, por sua vez, faz com que o nosso ato de amor – puro dom de Deus (cf. Rm 5,5) – seja um ato *próprio*, e esta característica é condição do caráter *meritório* deste nosso amor: fazemos algo que, por disposição divina, nos dá um direito à obter a união consumada com Deus; fazemos algo que nos faz alcançar o fim: a união feliz com Deus e em Deus; damos os passos rumo à meta. Somente um ato meu que é realizado por vontade livre, pode-me ser imputado; sou responsável por ele: mereço louvor ou repreensão, recompensa ou castigo.

Portanto, a concatenação desses elementos que constituem para nós a possibilidade de *caminhar* – com passos próprios, embora capacitados para eles por um dom gratuito de Deus – para a meta, é a seguinte:

sofrimento → liberdade → propriedade → mérito

O elemento que particularmente precisa de explicação, é, sem dúvida, o primeiro. Que sofrimento é esse? Por que ele é condição para a liberdade do nosso amor? Aliás, pode ser chamado de sofrimento aquilo que faz parte da vida humana (e angélica) *antes* de todo e qualquer pecado? Além disso, não responsabilizamos desta maneira o próprio Deus pelo sofrimento da Sua criatura? Isto é admissível?

⁸ Falamos somente do homem, mas vale, evidentemente, também para o anjo, isto é, vale para qualquer pessoa criada.

⁹ Nesta explicação do sofrimento na sua conexão com a liberdade serviu-nos muito de impulso inspirador o livro de J.A. BERRENBURG, *Das Leiden im Weltplan*, München ³1942.

Que sofrimento è?

É o do *desejo não satisfeito*; *poderá* ser satisfeito, mas de fato, *atualmente*, não está satisfeito. É ausência de um bem, daquele único bem que pode satisfazer plenamente o coração humano (como também o espírito do Anjo); ausência de um bem, para o qual o homem foi criado. Ao criar o homem, Deus o destinou para possuir esse bem e o dotou dos dons necessários para poder atingi-lo. Por isso não é simplesmente ausência de alguma coisa de que ele não precisa – “posso viver feliz sem isso, isso não me faz falta para me realizar perfeitamente, para ser plenamente feliz”, – é uma certa *privação*, é verdadeiro *sofrimento*.

Sem dúvida, não é privação no sentido de nos ser *tirado* algum bem que já possuíamos, ou que nos falte um bem que deveríamos ter *pela própria natureza* (como, por exemplo, a faculdade de ver [privação de que sofre o cego] ou de pensar), mas no sentido de *ainda não* possuímos um grandíssimo bem, o bem supremo, a cuja posse e correspondente felicidade Deus nos chamou por um dom sobrenatural (graça divina); é, por conseguinte, um bem que o homem *precisa* possuir para ser plenamente feliz, pois para ele a alternativa não é felicidade natural ou sobrenatural, mas felicidade sobrenatural ou infelicidade¹⁰. Portanto, trata-se de certa privação no sentido de *desejo* de felicidade *ainda não satisfeito*. Poderíamos dizer que é privação de um bem sob o aspecto *temporal*; é falta atual de plena felicidade, isto é, da posse perfeita do bem supremo.

É verdadeiro sofrimento, porque existem os elementos que compõem o conceito de sofrimento: *privação de um bem* e *percepção* disso. É verdade que a percepção pode ser mais ou menos clara; pode muito ou pouco penetrar a consciência do homem, mas ela existe. “O desejo de Deus está *inscrito no coração do homem*”, diz com razão o Catecismo (n. 27), como também é conhecida a palavra de Santo Agostinho: “nos fizestes para vós e o nosso coração não descansa enquanto não repousar em vós”¹¹. Este desejo de Deus identifica-se com o desejo da felicidade (plena), já que somente Deus pode satisfazê-lo. É um desejo *natural*, encontrando-se em toda e qualquer pessoa humana¹². Se, atualmente, nem toda pessoa humana tem consciência de que este desejo inscrito no seu coração é desejo de Deus – pois, de um ou outro modo, desconhece Deus – não deixa de existir tanto o desejo (não

¹⁰ Quem perder, por própria culpa, a consumada união sobrenatural com Deus, para a qual Deus o chamou, com certeza não vai ser feliz por uma “felicidade natural”, mas infeliz até o mais fundo do seu ser.

satisfeito!) como a percepção dele, ainda que esta possa ser pouco aguda, até muito fraca.

A sedução do homem por parte de Satanás, como é descrita no livro de Gênesis (c. 3), não seria possível sem aquele sofrimento do desejo não (ainda) satisfeito e de sua percepção por parte do homem. A tentação consiste justamente em aguçá-lo no homem este desejo para conseguir levá-lo a querer satisfazê-lo por um caminho fora da “ordem da sabedoria divina”, para usarmos a expressão de São Tomás.

Por conseguinte, não há razão válida para não reconhecer esse tipo de sofrimento. É verdade, porém, que, comparado com os sofrimentos que nós, no dia-a-dia da nossa vida (depois do pecado original), costumamos chamar de sofrimento, esse sofrimento parece não ser sofrimento. Mas, ainda que algum sofrimento seja mínimo, não deixa de ser um sofrimento; é sofrimento *mínimo*, mas não é *nenhum* sofrimento.

Este tipo de sofrimento (desejo real não satisfeito, ou seja, a percepção disso) não tem nada a ver com uma desordem nem provém de uma desordem; não provém do pecado, é anterior ao pecado. Este sofrimento não é causado por um ato desordenado do homem, nem constitui uma desordem. Pelo contrário, como diz São Tomás, aqui se trata de uma *exigência da ordem da sabedoria divina*. A ordem estabelecida sabiamente por Deus comporta necessariamente aquele sofrimento, aquela tensão entre o estado atual da criatura e a sua bem-aventurança ainda não alcançada. Esta ordem é simplesmente a condição da pessoa criada que se encontra em “estado de *caminhada*”, em estado de *liberdade* para se decidir livremente pelo bem supremo, isto é, por Deus. Em outras palavras: é a condição do estado de *provação* da pessoa humana ou angélica. É a *Cruz da provação*.

Por que esse sofrimento é *condição* para a *liberdade* do nosso amor?

A resposta é: só podemos decidir-nos *livremente* por Deus, se não nos encontrarmos na posse *perfeita* de Deus, se não *vemos* a Deus, o bem supremo, o próprio bem-por-essência. “Liberdade é o poder, baseado na razão e na vontade, de agir ou não agir, de fazer isto ou aquilo” (Cat., 1731). Pode a

¹¹ S. AGOSTINHO, *Confissões*, 1,1,1.

¹² Cf. Cat., n. 1718: “As bem-aventuranças [do Evangelho] respondem ao desejo natural de felicidade. Este desejo é de origem divina: Deus o colocou no coração do homem a fim de atraí-lo a si, pois só Ele pode satisfazê-lo.” Cf. também as duas citações das obras de S. Agostinho, no mesmo número do Catecismo.

criatura que vê imediatamente o próprio Deus, *não* amá-Lo, *deixar* de amá-Lo? Com certeza, ela não pode; é absolutamente impossível. Vendo o próprio bem-por-essência, a vontade dos Santos Anjos ou dos homens bem-aventurados no Céu é *irresistivelmente* atraída: não pode senão abraçar – com toda a força de que é capaz, isto é, com toda a capacidade de amar – o bem supremo; não pode senão amar a Deus, dizer um “sim” total a Deus. *Deus a atrai irresistivelmente*. O Anjo e o homem bem-aventurado amam *necessariamente* a Deus.

No entanto, faz-se necessário um esclarecimento. Se a criatura ama *necessariamente* a Deus que vê (visão imediata), isto não quer dizer, de modo algum, que O ame de modo *forçado*. Necessário é aquilo que não pode não ser ou não acontecer. Porém, precisa distinguir entre a necessidade de *coação* e a necessidade de *inclinação natural*. Querer o bem faz parte da *natureza* da vontade. Se, na visão imediata, é apresentado à vontade o próprio bem-por-essência, ela está, pela sua própria natureza, determinada a uma só coisa: aderir a este bem. Não se lhe oferece uma possibilidade de escolha. Por isso não pode não querer este bem e, no entanto, ela não é violentada; é um ato plenamente *voluntário*, mas não *formalmente livre*.

Portanto, só posso decidir-me *livremente* por Deus, se não *vejo* a Deus. Somente se Deus, de alguma maneira muito real, “*Se esconde*”, se não deixa atuar toda a Sua força atrativa, eu posso amá-Lo por uma autodeterminação minha. Neste “escondimento” de Deus consiste a *provação* do Anjo e do homem. Do outro lado, é somente este escondimento de Deus que faz possível que eu possa dar a Deus a resposta de amor com aquele amor *divino* que “foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5), sendo ao mesmo tempo um ato *próprio meu*; portanto: amor *divino* (participação do próprio ato divino de amor) e, ao mesmo tempo, amor *meu*, da *criatura*.

Esta característica – amor *divino* e amor *meu* – continuará também no amor com que a pessoa criada ama a Deus na união consumada com Ele, na visão beatífica. Pois aquele ato perfeito de amor com que a pessoa bem-aventurada ama a Deus – e nunca deixará de amá-Lo, já que O ama necessariamente¹³ – foi alcançado por uma *livre* decisão; foi pelo amor *livre*

¹³ Esta característica de nunca poder deixar de amar a Deus, faz parte da bem-aventurança. É a certeza de jamais poder perder este Amado que é o único que pode tornar-nos felizes, satisfazendo todo o desejo de felicidade.

com que a pessoa amou a Deus, enquanto se encontrava ainda *a caminho* da felicidade plena nele.

Eis, pois, *o mistério da Cruz na criação*, o mistério da Cruz na relação entre a pessoa criada e Deus. Eis a “extensão para fora” da divindade, do mistério de Deus Amor; a “extensão” do mistério originário do amor, para dentro da criação. O que em Deus mesmo é pura luz e felicidade, pura atualidade, perfeição infinita, nos seres criados assume primeiramente – não definitivamente, contanto que a vontade salvífica de Deus não encontre definitivamente a rejeição por parte da criatura livre – um aspecto de imperfeição, de escuridão, de sofrimento; é a situação da criatura em estado de caminhada: pode e deve *crescer* em perfeição. “A liberdade é no homem uma força de *crescimento e amadurecimento* na verdade e na bondade” (Cat. 1731).

3) *A Cruz da provação é sinal do amor maior de Deus para conosco*

Sendo assim, não encontramos mais uma dificuldade insuperável em “*responsabilizar o próprio Deus pelo sofrimento da Sua criatura*”, como formulamos a objeção. Pois a *Cruz da provação*, que Deus dá à Sua criatura amada, não provém de uma severa ou arbitrária exigência divina a ser interpretada como um sinal de falta de amor de Deus por nós ou como sinal de um amor menor. Tudo pelo contrário, este amor divino – poderíamos chamá-lo apropriadamente de “amor sóbrio” – é amor *maior* que nos quer comunicar bens *maiores*.

Deus quer comunicar-Se, Ele é inteiramente comunicabilidade e comunicatividade, isto é, capacidade e tendência de Se comunicar, pois é *todo* Amor, e Amor *infinito*. O Seu desejo de amor em relação a nós é dar-Se a nós, unir-nos a Si mesmo, comparável a uma mãe no seu desejo de amor para com seu filhinho. Mas, se Deus Pai quer *assemelhar-nos*, na medida do possível, *a Seu Filho eterno* que Ele ama e por quem é amado, se, portanto, quer nos fazer o dom maior de O amarmos *livremente* com *Seu próprio* amor, Ele não pode *logo* dar-Se a nós *tanto quanto deseja*. Ele deve, por enquanto, não satisfazer plenamente o Seu desejo de amor para conosco¹⁴. Deve como que reter ainda a força da Sua vontade amorosa de

¹⁴ Não podemos aqui entrar mais no tema do “desejo” ou da “sede” de Deus Amor. Cf. a revisão do livro de E. Zoffoli, neste número desta revista.

Se comunicar a Si mesmo a nós, ou seja, de nos atrair a Si. Deve ter um amor “sóbrio” que pode parecer amor menor, mas, na realidade, é amor maior, porque assim não somente nos faz *objetos* do Seu amor, isto é, os *amados* do Seu amor, mas também nos faz os *amantes* do Seu amor, quer dizer: sou capacitado de, *eu mesmo, amar a Deus com o Seu amor*¹⁵; eu mesmo posso Lhe fazer o dom do *meu* amor que recebi primeiro dele, mas que, no fundo, é *Seu* amor, *Sua* capacidade de amar¹⁶.

A cruz da provação, com o sofrimento que implica, é consequência do próprio *amor* divino com que o Pai nos ama como *filhos* no Seu Filho unigênito; é consequência do amor de Deus que quer estabelecer uma *aliança* conosco. Ora, a aliança requer da parte de *ambos* os lados um *empenho próprio*. Como já vimos, isto somente é possível quando o nosso amor é *livre*. Só assim podemos dar a Deus alguma coisa *própria*, assim pode haver verdadeiramente um amor de *amizade* entre Deus e o homem, pois o amor de amizade não somente requer o amor de *ambos* os lados (amor unilateral nunca pode ser amor de amizade), mas também pressupõe uma *escolha*; daí a necessidade da liberdade¹⁷. Mas, para esta liberdade é condição o sofrimento do desejo ainda não satisfeito em relação a Deus.

Afinal, Deus é tão bom e lindo¹⁸ que, se for visto como Ele é, exerce uma atração *irresistível* sobre a nossa vontade. Por isso Ele tem que *diminuir* a Sua força atrativa sobre nós; não pode *logo* satisfazer o desejo do Seu amor por nós, isto é, o de Se doar a nós totalmente fazendo-nos plenamente felizes da Sua própria felicidade. Ele tem que nos dar a “cruz da provação”. Pois, do contrário, não nos amaria com o amor de *amizade*, de *aliança*, com o amor a *filhos* no Seu *FILHO* Único.

Portanto, a Cruz da provação é manifestação do *amor* de Deus. *Ela tem sua razão de ser no mistério do Deus que é Amor*, do verdadeiro Deus que não é *uma* só Pessoa, mas *três*: o Deus Uno e Trino. Longe de ser inadmissível atribuir aquele sofrimento da “Cruz da provação” à vontade de Deus, *devemos*

¹⁵ “eu mesmo” exprime a *liberdade* do amor; “com *Seu* amor” exprime que o meu ato de amor é participação do próprio ato de amor *de Deus*.

¹⁶ Um exemplo ilustrativo: um pintor me dá como presente um lindo quadro pintado por ele. Ora, ele daria um presente maior se me fizesse o dom da sua própria *capacidade de pintar*. Deus faz isto em relação ao amor.

¹⁷ Quanto às crianças (batizadas) que morreram e estão agora na visão beatífica, sem terem realizado um ato livre de amor a Deus, precisa-se levar em consideração duas verdades.

atribuir-Lho, pois foi Ele mesmo que o quis *por amor e com sabedoria verdadeiramente divinos*, para o nosso bem e nossa dignidade maior. Esse sofrimento é puro e santo, na sua origem e no seu fim. Provém do amor de Deus Uno e Trino por Sua criatura e tem por fim a maior dignidade e felicidade dela: para que participemos, da maneira mais perfeita possível, da *união do Filho de Deus com Seu Pai no Espírito Santo*; – para que sejamos plenamente *filhos no FILHO*, permanecendo a distinção entre Deus (DEUS FILHO) e a criatura (o homem filho de Deus).

Esta distinção manifesta-se também no papel ou na posição do *Espírito Santo*. Ele é, em Pessoa ou como Pessoa, a unidade de amor entre o Pai e o Filho, sendo o “fruto” do amor mútuo e comum deles. Ora, pelo envio do Espírito Santo em nossos corações Ele Se faz também o laço de união de amor entre nós e o Pai; todavia, não somente entre nós e o Pai, mas também entre nós e o Filho (como também entre nós mesmos). Além disso, a

Primeiro, elas receberam o dom da fé e do amor divino em seus corações (cf. Rm 5,5) para poderem realizar os atos livres dessas virtudes. Receberam-no, portanto, *em vista desses atos livres* de fé e de amor. O fato de elas não chegarem a realizá-los – por falta do desenvolvimento suficiente das faculdades sensíveis e corporais – não provém de uma predeterminação da sabedoria divina, como, ao invés, é no caso da “cruz da provação” implicada no estado de caminhada. Se aquelas crianças não chegam a realizar um ato livre de amor a Deus por serem impossibilitadas pela morte, tal fato é consequência do pecado que entrou no mundo por meio do primeiro homem (cf. Rm 5,12). Não foi, pois, o amor de Deus que assim o estabeleceu de antemão.

Segundo, também essas crianças não alcançaram a bem-aventurança sem que tenha havido algum *ato humano livre*, embora não tenha sido o seu próprio ato pessoal. Como elas nasceram privadas da vida divina, sem terem realizado um ato livre pecaminoso, assim também receberam a vida divina sem terem elas mesmas realizado um ato livre virtuoso. Portanto, assim como, sem terem cometido uma falta pessoal, o “pecado original” era próprio a cada uma dessas crianças, assim também, sem terem realizado um ato pessoal virtuoso, passaram ao estado da filiação divina. Porém, nenhum destes estados realizou-se sem um ato humano livre, pecaminoso e virtuoso, respectivamente, embora não tenha sido um ato pessoal daquela criança. Certamente, esta inclusão de todo homem tanto no pecado de Adão como no ato virtuoso de amor realizado por Cristo (na cruz), é um *mistério* (cf. Cat., n. 404); como também é um mistério a própria permissão do pecado por parte de Deus, pecado que tem como uma das suas consequências o fato de haver pessoas humanas que, sem terem cometido um pecado pessoal, são “pecadoras” (estado de “morte da alma”; cf. DS 1512), e o fato de haver pessoas humanas amando a Deus com um amor filial que é participação do próprio amor do Filho divino a Seu Pai, sem que elas mesmas se tenham decidido livremente a amá-Lo. Foi outra pessoa que amou a Deus livremente *em nome* ou *como representante* delas.

¹⁸ Cf. o adjetivo grego *καλὸς* que significa tanto *bom* como *belo*.

personalidade do Filho não é constituída pela processão ativa do Espírito Santo – o “soprar” o Espírito Santo, – que Lhe é comum com o Pai, enquanto a nossa personalidade de filhos de Deus é constituída pelo envio do Espírito Santo em nossos corações¹⁹. Não temos nenhuma parte em “soprar” o Espírito Santo; isto é próprio unicamente ao FILHO como Deus. Nós ao invés, como filhos de Deus que são criaturas, temos uma posição totalmente passiva: *receber* o Espírito Santo enviado pelo Filho da parte do Pai. Este envio, por sua vez, é, em certo sentido, a “extensão” da processão eterna do Espírito Santo – procedendo do Pai e do Filho – para dentro das criaturas. Assim recebemos em nós a unidade de amor do Pai e do Filho, ou seja, o Seu “Amor” em Pessoa, o qual é o Espírito Santo no sentido de Ele ser o “fruto” do ato de amor do Pai e do Filho, como o Filho, a “PALAVRA”, é o fruto do ato de conhecimento do Pai. Mas esse dom recebido gratuitamente faz-nos capazes de amar o Pai com aquele mesmo amor com que é amado por Seu Filho, e cujo “fruto” é o Espírito Santo. Evidentemente, é capacidade por *participação* e não por identidade essencial, como no nível do ser somos filhos de Deus por *participação da natureza divina* (cf. 2 Pd 1,4) e não por identidade com ela.

Resumindo

A fé da Igreja, baseada nos dados da Sagrada Escritura, faz-nos reconhecer que Deus Pai verdadeiramente *quis* – não somente permitiu – que Seu Filho feito homem sofresse o martírio da cruz e morresse, oferecendo Sua vida como sacrifício expiatório. Isto, porém, parece contradizer a concepção de um Deus que é Amor. Daí somos levados a buscar uma concepção do acontecimento da Cruz de Cristo (e da nossa) que respeite tanto o dado da fé a respeito da morte redentora de Cristo (o Pai quis o sofrimento de Seu Filho; Jesus ofereceu realmente a Sua morte na cruz como sacrifício expiatório), como a respeito da verdade de Deus ser Amor.

Ora, exatamente a concepção cristã de Deus como Amor, de Deus Uno e Trino – resultado da revelação divina do amor no mistério pascal de Cristo – nos faz descobrir no próprio mistério de Deus a “raiz” da cruz. Descobrimos o primeiro e fundamental porquê da cruz, a razão fundamental do sofrimento.

¹⁹ Cf. Rm 5,5; 8,13-16; Gl 4,6s.

Esta cruz e este sofrimento, cuja razão de ser descobrimos no próprio mistério de Deus Amor, não é, todavia, o sofrimento e a cruz como consequência do pecado; é a cruz da *provação*. Esta não tem nada a ver com uma desordem, isto é, com o pecado que é desordem no agir livre da criatura e fonte de toda desordem nas criaturas. A cruz da *provação* unicamente tem a ver com o pecado enquanto sem ela não seria possível o pecado. Sem um mínimo de *sofrimento* não haveria a *liberdade* da pessoa criada, e sem a liberdade não haveria a possibilidade de *pecar*, mas também de *merecer*, ou seja, de realizar atos próprios de que a pessoa é o sujeito responsável.

Esta explicação da “cruz da *provação*”, quer dizer, da cruz que para o homem antes do pecado foi a única, mas que não deixa de ser também a de todos os homens que viveram, vivem e viverão nesta terra, servirá de base para procurarmos uma explicação do porquê da cruz de nosso Senhor Jesus Cristo. Por que a Sua paixão e morte na cruz?

continua

Natanael Thanner ORC

